

“SEM TÍTULO”

Raphaela Malta Mattos¹
Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello²

Resumo: Essa escrita acontece entre uma licenciatura em Artes, um mestrado em Educação, espelhos, fios, labirintos, tempo, morte, vida... Entre *marcas* (ROLNIK, 1993), estados inéditos produzidos no nosso corpo, que surgem a partir das composições em nossas vidas. Esses estados instauram aberturas para a criação de novos corpos, sendo assim gêneses de devir. Escrita que é ponte para atravessar da terra pseudo-firme que constitui a unidade de um eu para as águas instáveis e inesgotáveis, que vão esburacando e abrindo fissuras nessa unidade. Escrita que quer conquistar na subjetividade um estado de abertura para um além do humano, no qual seja possível desgrudar de um invólucro de uma suposta interioridade imaginária, vivida como identidade. Para isso foi preciso carregar certo esquecimento, pois o devir é uma antimemória (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 92). Assim, a leitura também não visa convocar uma memória, buscar uma forma a ser encontrada, seja no passado, seja no futuro, mas a vivência experimental do presente, evolução incessante das formas.

Palavras-chave: devir-mulher; subjetividade; formação.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. E-mail: rmmattos@hotmail.com.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. E-mail: mariapaulaufjf@gmail.com.

“SEM TÍTULO”

Espelho

É o espaço mais fundo que existe...

(Clarice Lispector)

Do fundo remoto do corredor espreitava-me o espelho. Máquina que tudo vê, mas não se deixa ver. Continua ele, do alto da sua importância, insistente com a mesma pergunta desdenhosa: *Quem és tu?* Incapaz de uma resposta adequada, ignoro-o. Ou ao menos tento. Certa vez tentei cobri-lo. Outros me perseguem. Espelhos. Reflexos. Mesmo confronto insistente:

Quem és tu?

Quem és tu?

Quem és tu?

Fito-me no espelho e vejo uma imagem bonita apenas pelo fato de ser mulher. Um corpo. Uma forma. Mas ter um corpo circundado pelo isolamento torna tão delimitado esse corpo. Amedrontada de ser uma só. A impressão é que fui cortada de mim mesma.

– *Mas isso não se responde. Não se faça de tão forte perguntando a pior pergunta. Eu mesmo ainda não posso perguntar quem sou eu sem ficar perdido.*

Vou fazer então uma lista de coisas que posso fazer sem ficar perdida.

Depois dessa lista eu continuo não sabendo quem sou, mas sei agora o número de coisas definidas que posso fazer.

E comum que ela se isole nas profundezas de seu palácio e lá fique por dias, semanas e até meses. Dorme muito, pois é uma criatura do sono e dos sonhos. Mas aparentemente isso não a aborrece. A pequena e frágil ilha se recusa a ser submersa por outra maior.

Em seu quarto um enorme espelho em frente à cama de oliveira.

Nos dias em que acorda imediatamente se fita no espelho. Sem se olhar supõe que desapareceria. Não existiria. Ela própria, rainha mendiga, fantasma, máscara, ninguém.

Em raros dias de festa faz o que sempre fez, paciente e habilidosa: fiar, tecer. Fios de mentiras invisíveis? À noite, secretamente, ela desmancha seu trabalho.

Para ela, existir é completamente fora do comum. Quando a consciência de existir demora mais de alguns segundos há a loucura. A solução para esse absurdo que se chama “eu existo” é que saiba que um outro ser a vê, esse, que ela sabe que existe.

Na sua silenciosa solidão, a única que a vê é aquela do espelho.

Certo dia encontrei alguém que disse sobre uma maneira de criar tudo que há por ai. Desde as árvores, o céu, os mares, as estrelas, até eu mesma. E que maneira é essa? É simples. Pratica-se muitas vezes e rapidamente, muito rapidamente até, se quiseres pegar num espelho e andar com ele por todos os lados. Farás imediatamente o Sol e os astros do céu, a Terra, tu mesmo e os outros seres vivos, e os móveis e as plantas.

Sou iludida? Como é que raios esse espelho arrasta para fora a minha carne? Será uma misteriosa assombração? Um ato de magia? Sou iludida?

Dizem: é mentira. Nada disso é real. Cópias imperfeitas. Ilusão. Promíscuos simulacros.

Ordenam que quebrem todos os espelhos desse reino. Partam em mil pedaços. Quebrem. Porque espelho, espelho meu... existe alguém mais bela do que eu? Alguém mais Bela, Verdadeira e Boa do que eu? Segundo as más línguas, espelhos e Verdades nunca gostam de andar juntos. Vãos criadores de mentiras. O que não é real deve ser ignorado.

Um reflexo se defende: eu sou bem real, só não tenho memória.

Um ordenador repele: Não és feito de carne e osso, não tens cheiro, não consegues sentir dor. És estranho.

O reflexo replica: Essas são, de fato, as minhas grandes qualidades. Vivo num mundo evanescente... e, no entanto, consegues ver-me bem delineado em superfícies polidas.

Mas o feitiço se voltou contra o feiticeiro. Imagem dual estilhaçada em mil pedaços. Caleidoscópio? Realidade caleidoscópica? Prolixidade de si mesmo? Labirintos de multiplicidade.

Pela ramaria anda menina Kaila, a menina que gosta de viver. Menina assobia. Menina espera. Um cheiro errante de anhembi se espalha no resto de luz no horizonte. Ao fim do trilho, um sítio bom. Um rio corre bem ali. Kaila sorri. Com que delícia se senta na relva, recostada nos troncos, com as pernas abertas. Entre os troncos a sombra se adensa. Fica escuro. Terror e esplendor de emoção. Um fio de água brota entre as rochas. Ao redor da relva em que se senta o chão fica negro de sangue que escarra. Alargando os braços, respira deliciosamente. É dia. Um rosto se faz na sua frente. Uma menina. Menina Kaila, sou sua mãe protetora Keakona. Keakona tateia em seu bolso um pedaço de cerâmica que leva consigo. Usa-o para rasgar o cordão que a une à menina Kaila. A você, menina Kaila, que goste de viver. Com Kaila nos braços, Keakona protetora anda até a corrente de água próxima e se banha nas águas cristalinas. Envolvida em uma coberta, Kaila e Keakona voltam para seu lar pela mata já iluminada. Keakona volta a seus afazeres e arranja Kaila em uma cuia.

Ti todos os espelhos do mundo e nenhum me refletiu. Perturba esse encontro com espelhos defeituosos. Desde que o mundo se tornou espelhado que acham que já não há mistério. Tantas, tantas, tantas imagens... mas eu agonio na minha solidão – mentiria se dissesse o contrário.

Vi, vi, vi...

Seus sentidos são ainda imperfeitos.

Passei a não saber mais quando me deram um espelho. Nunca vi coisa igual.

Chegaram como quem não quer nada. Pediram ouro em troca daquele mágico artigo.

Achei que era minha imagem que eu via refletida no espelho. Não era? Quem me espreitava lá de dentro eram os mesmos que me deram espelhos.

Propõem-me um outro desfecho: um espelho que feche os olhos para sempre. O espelho renunciar o sentido que lhe é mais caro. Esta será minha utopia? Anestesiar? E irei mais longe: matar a visão?

Na tribo Caçapara é lua nova. Kaila colhe frutos ao anoitecer. De pé, sobre a terra fresca e molhada, uma sensação diferente. Sente um calor percorrendo todo seu corpo. Impressão essa que se concentra apenas em seu ventre após continuar colhendo mais alguns frutos. De repente parou. Em tanto que esquisitou. Dor. Parecia que ia parar de

ser. Um líquido quente escorre por entre suas coxas já torneadas até seus pés, misturando-se com a terra molhada. Cheiro de ferro. De terra. Iaci, mãe dos frutos, sorri com prazer enquanto passa os dedos por suas partes úmidas de sangue.

Certa noite, enquanto a rainha fantasma desmanchava seus fios de memórias invisíveis, um cavalheiro entrou pela janela de sua torre. Convidou-se a desmanchar com ela. A rainha achou tamanha estranheza naquela atitude, mas sua curiosidade permitiu que o cavalheiro continuasse ali em seu quarto.

— Venho observando seu trabalho incessante em desmanchar tão belos fios ao anoitecer — disse ele.

Não lhe perguntou o porquê daquela atitude. Apenas acompanhou-a nos seus gestos.

Na outra noite voltou e fez a mesma coisa. Na seguinte de novo. Dia após dia. E os dias se passavam assim. A rainha acordava, se olhava no espelho em frente sua cama de oliveira, e esperava que o cavalheiro surgisse em sua janela ao anoitecer para que desmanchessem seus fios.

Certa noite o cavalheiro perguntou a ela se algum dia lhe daria a honra de fiar junto dela. A rainha concedeu. Fiaram durante aquela noite e mais três dias seguidos. Durante esse tempo eles não dormiram, e ela não se olhou no espelho. O cavalheiro foi embora e aqueles fios ela guardou e não quis desmanchar. Finalmente dormiu. Acordou e naquela manhã esqueceu-se de olhar no espelho.

Conheci alguém. Convidou-me para ser árvore. Mas para ser árvore precisaria deixar aquela torre de pedra e a cama de oliveira.
— Mas meu espelho?

Esse alguém contou-me que o espelho é ponte.

— Faz de conta que seu vidro é macio como gaze e passa agilmente através dele.

— E o que faço depois disso?

— Vá sempre, sempre em frente sem parar: pois espelho é o espaço mais fundo que existe...

No instante seguinte fechei os olhos e saltei.

A primeira coisa que fiz foi verificar se havia fogo na lareira, e fiquei muito satisfeita ao constatar que havia fogo de verdade, crepitando tão alegremente quanto o que deixei para trás.

— Assim vou ficar tão aquecida aqui quanto estava lá no quarto, ou mais, porque aqui não vai haver ninguém mandando que eu me afaste do fogo. Oh, como vai ser engracado quando me virem aqui e não puderem me alcançar!

Oquarto da rainha Kaila foi reconstruído naquele ano. No alto do palácio vivia Kaila. A cama de oliveira foi levada dali, ato que precisou de dez homens durante dez dias e dez noites para cortar a raiz da árvore. Na parede lateral, um espelho camuflado por outros objetos, confundindo-se com os panos das cortinas, com o dourado do teto, com o marrom dos tapetes. Embaixo, um relógio, engenhoca mecânica que anuncia uma preocupação, uma nascente obsessão.

Tempo que é, tempo que passa, tempo que será...

Outono de 1529 e chove lá fora. O casal não suporta tal conjectura de não saber o que lhes reserva o amanhã.

Escutavam boatos de uma menina possuidora de um espelho do futuro, que ao invés de refletir os rostos decide antes (por sua livre iniciativa), refletir o amanhã.

Esperaram até o inverno.

No primeiro dia seco trataram de sondar paradeiro da menina.

1555

O casal se chegou. Os dois pediam licença à penumbra.

Era um pequeno espelho convexo. Ao se olharem viram refletidos dois pequenos crânios.

Ao olhar com bastante atenção se enxerga a seguinte inscrição em sua moldura: “Tal era a nossa forma em vida; no espelho nada permanece para além disto”.

Menina Kaila acorda no escuro. Barulho do sol atrás das beiradas das montanhas. Menina sentada no tear. Fibra clara. Delicado traço cor da luz. Movimenta entre os fios estendidos. Fibras vivas. Quentes fibras. No jardim pendem pétalas. Na

lançadeira menina Kaila coloca grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Barulho de sol atrás das beiradas das montanhas. Fio de buriti. Fio de tucum. Lançadeira bate os grandes pentes do tear para frente e para trás. Com fome, tece um lindo peixe. Sede, fibra cor de leite. Menina tece. Uma linda faixa com plumas.

Pedindo licença a penumbra, rainha Kaila está ainda acordada no escuro, pronta a desmanchar todo seu trabalho daquele longo dia inteiro. Começou logo cedo, quando o sol ainda fazia apenas barulho atrás das beiradas das montanhas. Logo ela se sentou no tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz. Lá fora, a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lá̄s mais vivas, quentes lá̄s foram tecendo a hora. O sol ficou forte demais, e no jardim pediam pétalas, assim a rainha colocou na lançadeira grossos fios cinzentos. Na penumbra trazida pelas nuvens, escolheu um fio de prata. Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a rainha passou o seu dia.

Quando soavam as doze badaladas no relógio da sua parede lateral, acordada ainda, rainha Kaila se punha a desfiar seus fios.

No outro dia, as criadas lhe trouxeram de comer, de beber e o que vestir.

Era um imenso recinto circular, de seu centro irradiavam-se corredores ainda inexplorados que prolongam-se indefinidamente. Um templo que segundo falam está acima da superfície de toda a Terra. Quanto mais antigo o corredor, mais profundamente no Labirinto e mais próximo de seu centro. Quantos monstros e talvez até deuses não estejam perdidos por aqui? Era lá naquele recinto central que Ahnara fiava as vestes de todo o Reino. Ahnara, feiticeira, adivinha, velha abjeta que se enfeitava com máscara de mocinha. Fiava incessantemente durante dia e noite. Quando prontas, servas buscavam as vestes e eram incumbidas da entrega. Para que chegassem ao centro do Labirinto, um fio guiava desde a entrada, e o caminho da volta era feito do mesmo modo. Ahnara não cansava de alertar sobre os perigos de soltar o fio e se perder para todo o sempre naqueles escuros e profundos corredores.

Nesses tempos se dedicava a fiar vestes da rainha. Cintura minúscula, coberta por um corset pontudo, algodão azul claro delicado, manga bufante em gaze transparente, saia volumosa, decorada com babados e laços, armada com diversas anáguas, ia até os tornozelos e mostrava os pés. Bordado em pérola com fios de ouro. Para esse modelo, um xale e um leque em tom pastel. Sapatos sem salto, modelo bailarina.

Naquela noite o cavalheiro não apareceu. Pediu que colocassem um espelho na parede lateral, de frente para o espelho que já habitava ali. Teceu redes de especiais fios. Fios e espelhos, a transportar em labirintos, daqueles em que se perde. Estranhos, porque cheios de duração.

Desfiou a noite toda.

Na manhã seguinte encontraram-na pendurada entre os dois espelhos, enforcada em fios de tom azul claro.

Entendo minha decepção. Aquilo que achava ser uma atividade não passava de um empreendimento de vigilância.

EAbandonada. Chorei por dias e por noites sem parar.

Mas era preciso que fosse abandonada por Teseu.

Venceu monstros, adivinhou enigmas, mas precisava também salvar seus monstros e seus enigmas.

Acreditava que ser forte era carregar e assumir. Acreditava que se tratava de recobrir ou compensar uma condição de carência ou falta, características inerentes a mim. Era tão pesada com Teseu. Difícil carregar a mim mesma, o que me tornava lenta e pesada.

Mas só entenderei minha decepção no momento que parar de me preocupar.

Homem herói, vaidoso. Anda na terra pesado junto com camelos e burros. Em cima deles umas superfícies polidas. Não sei usar. Cheiro algum tem. Gosto algum tem. Diz coisas que não comprehendo. O Bem, O Mal, A Verdade, A Justiça, O Tempo,

Deus. Carrega essas coisas em cima dele. Diz coisas que não comprehendo. O Bem, O Mal, A Verdade, A Justiça, O Tempo, Deus. Carrega essas coisas em cima dele. Diz coisas que não comprehendo. O Bem, O Mal, A Verdade, A Justiça, O Tempo, Deus. Carrega essas coisas em cima dele. Diz coisas que não comprehendo. O Bem, O Mal, A Verdade, A Justiça, O Tempo, Deus. Carrega essas coisas em cima dele. Diz coisas que não comprehendo. O Bem, O Mal, A Verdade, A Justiça, O Tempo, Deus. Carrega essas coisas em cima dele.

No palácio é lua nova. De pé em frente à cama de oliveira um espelho. Teseu entrevê uma imagem. Cor da pele branca, pelos pretos pelo corpo, criatura pesada, anda leve, pequenas grandes orelhas, cabeça de touro, cauda de touro, corpo de homem, cauda de homem, chifres da cor da pele, músculos vigorosos e tensos.

Estranha e ambígua figura selvagem.

De onde venho trago notícias. Ele quer que o Reino da Imutabilidade perdure sobre o Reino da Metamorfose. Recusa que deuses ou monstros possam mudar de forma. Diz que as pessoas tem medo. Viram aquele animal dividir-se em duas partes, dando por certo que tudo era uma coisa só. Tamanho foi o medo que sentiram que deram as costas gritando para os seus. Alega que isso é coisa de feiticeiro. Esses são seres que nos iludem com palavras e atos.

– E o que vieste fazer aqui?

– Pedi que te buscasse, Teseu, para que levasse tais animais para a morte.

Ele tinha medo da morte. A ideia de perder a si mesmo era insuportável. Tenta obliterar sua destruição de todas as formas.

E – Acaso senhor, não se crê ingênuo, pensando em um para sempre? Por que tens tanto medo da morte?

Não deu ouvido a tal comentário.

“SEM TÍTULO”

Certa madrugada parece encontrar uma solução. Criar um duplo. No outro dia volta para casa com uma superfície polida que tem função de refletir.

Um dilema o corroía. Como saber se é um ou outro? Se é o verdadeiro ou o falso?

– Andei pensando sobre seu medo. Penso que não tens medo da morte. O que te angustia é não existir. E sobre sua engenhoca... há um e outro e verdadeiro e falso e mesmo e outro e...

Vive uma vida dupla.
Dúbia?
Assim como quando uma mulher se encontra entre dois homens.

Forte, se assume e se carrega. Cuida do lar, do trabalho e daqueles que intui angústia. Canta uma canção de solidão. Aprendeu a trabalhar com metal. E a fazer joias também. Reza para divindades transcendentais. Tem sede. Muita sede. A cada três primaveras que correm refaz sua morada. Sensata. Equilibrada. Na cabeça carrega uma coroa com folhas de oliveira. Mas raramente faz essa exposição. Sai no meio da noite sem que ninguém a veja. Louca, vagueia pelo mundo ensinando aos homens o cultivo da uva e a fabricação do vinho. Em sua jornada castiga severamente todos aqueles que se recusam a cultuá-la. Leva com seu cortejo alegria e felicidade por todo reino. Risonha. Erótica. Lasciva. Longa cabeleira flutuante. Corpo coberto com um manto de pele de leão, na cabeça uma coroa de pâmpanos, dirige uma carruagem comandada por leões.

Andava furtivamente pelos corredores, uma estranha em minha própria casa. Passeava sob as arcadas desertas, vagueava por corredores e escadas. Cheira excessivamente a morte aqui.

Sem entender o que fazia, foi até o quarto. Defrente para o espelho pintou. No rosto uma grossa camada de pó branco. Pintou demais os olhos. Demais a boca. Corou de rosa as bochechas. Máscara. Rainha fantasma.

Sobre mim mesma uma alguma outra.

Essa outra ela não era.

Um imenso recinto circular. Anda furtiva nos corredores. Medo do monstro. Aqui. Seu único fim é esse. Sentada em um canto onde acredita lugar escondido. Canta para espantar o medo. A cantiga não vigora certa. Nem no tom nem no se-dizer das palavras – o nenhum. A cantiga convida a dançar. Dança. Uma dança que não vigora certa. Põe os olhos no alto, que nem santos e espantados. Enfeita de disparates. Assim com panos e linhas, diversas cores. Uma carapuça em cima dos espalhados cabelos. Enfuma em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas – virundadas: matéria de maluco.

A cantiga-dança atrai um monstro.

– Antes de morrer se vive, menina Kaila – com ela naquela matéria de maluco.

Noite de caça. Os Caçapara dançam juntos sobre grandes espelhos que descem do céu. Kaila pinta o corpo. Enfeita de pelos. Urucum percorrido de desenhos cor de barro. Pelagem vermelha amarelada. Cauda vermelha amarelada. Na ponta da cauda um tufo de pelos pretos. No chão, pegadas de quatro patas. Boca totalmente aberta. Dentes a vista. Um gemido. Um som de baixa frequência e intensidade alta. Berro longo. Som profundo. Leoa ruge. Mostra os dentes. Olhos amarelos e profundos. No horizonte o sol se põe. Corre em direção à floresta. Aves gritam no céu. Leoa encontra presa zebra. Observa de longe. Observa de perto. Corre na direção da presa. Zebra foge. Atrito. Com os caninos abocanha a vítima pelo pescoço. Dilacera e rasga o corpo com seus dentes. Sangue vermelho e quente pelo chão.

Na tribo Caçapara comem carne de zebra.

Tinha uma proposição. As regras eram muitos simples. Estariam sentados frente-a-frente, apenas com uma sólida mesa de oliveira a dividi-los, sem falar, sem ir à casa de banho, sem comer, em total silêncio. Mas se um fizesse o outro também faria. De forma que fosse impossível saber quem começa e quem termina. Sentados em uma cadeira que não fosse nem muito confortável, nem pouco. Apenas a olhar para o outro durante um longo período de tempo. Ligação intensa que une dois. Um contra o outro e um e outro e apenas um.

Subio por uma escada espiralada de oito a doze metros, não consigo precisar ao certo. Um medo anormal de cair dali. No topo, sou convidada a me sentar em uma cadeira de madeira. Era um modelo arquitetural simples e circular. Tenho a sensação de estar sendo vigiada. Ao redor, em toda a volta, enormes espelhos côncavos, giratórios. Múltiplos pontos de vista de mim mesma me rodeavam. Não há janelas nem portas. Não há fuga possível. Tenho a certeza de estar sendo vigiada. Eles viram os gigantes olhos para o centro, para mim, medem-me de alto a baixo, e reforçam a ideia que são eles que me controlam. Sinto-me não só observada, mas moralmente julgada. São inspetores que exercem a punição e a correção.

A ansiedade de não saber o que fazer. O tormento de que as coisas não estão bem. Estou no controle. Avanço na direção de um objetivo, de um desejo. Não há medo. Há uma destruição total na tentativa de encontrar uma resposta. Imóvel no acordar do medo. Levo coisas comigo. Em relação às relações com os outros, é a rejeição total e a destruição. É o retorno do reprimido. Parto coisas, as relações são partidas. A culpa leva ao desespero e a passividade. Refúgio na toca para pensar.

Por fim só consigo gritar:

– Tapem-nos, por favor!

Tolto os olhos para um ponto central e agora vejo uma figura cilíndrica castanha suspensa por um fio, que oscila em frente a um grande espelho. Observo. Ahnara vai regressar. Por algum lugar ela vai chegar e uma sombra monstruosa com oito patas peludas vai cobrir-me. Ela extraí o fio, molha com sua boca gigantesca, enfia em um fundo de agulha, e comece a tecer, para mim e para sempre, uma imensa teia que me envolve. Ela encerra todas as portas, fecha todas as aberturas, remenda os tecidos rasgados, amortece com redes as possíveis quedas pelas escadas e ainda tece para mim colchões, panos, roupas, uma nova pele. Tenho, diante da aranha, a sensação de um reflexo, a certeza de ver o meu rosto muito mais claramente que diante do espelho do meu quarto.

Pela ramaria Keakona e menina Kaila fiam. Fiam um grosso fio cordão. Kaila fia. Desfia. Fia. Fita atenta o fiar da mãe. Impaciente senta-se sobre a relva. Um sítio bom. Distrai-se com o burburinho de um riacho, as vozes das pessoas. Procura o riacho. Encontra escuridão. Perde-se da mãe Keakona. Terror. Desespero. Tem medo. Sente um ar quente em seus pulmões. Chora. Lágrimas quentes correm por suas maças. Tateia o grosso fio. Persegue o cordão. No sítio bom, no chão ainda úmido, o fio-cordão dilacerado, coberto de sangue vermelho escuro. Grita Keakona. Nenhuma resposta se ouve. Keakona está em casa. Um pedaço de cerâmica suja de vermelho nas mãos. Chora abafado. Escondida.

Referências

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: Ed. 34, 1995.